

## O século XVIII e a Escola Mineira

No século XVIII já vemos uma atividade musical bastante intensa em todas as partes do país dotadas de uma estrutura institucional e educacional mais ou menos estabilizada, formando-se um público apreciador em todas as classes sociais.

Na segunda metade do século XVIII um grande florescimento musical (conhecido como Barroco Mineiro ou Escola Mineira) aconteceu na Capitania das Minas Gerais, especialmente na região de Vila Rica, atual Ouro Preto, de Mariana e do Arraial do Tejuco, hoje Diamantina, onde a extração de grandes quantidades de ouro e diamantes destinados à metrópole portuguesa atraiu uma população considerável que deu origem a uma próspera urbanização. Ali a vida musical, tanto pública como privada, religiosa ou secular, foi muito privilegiada, registrando-se a importação de grandes órgãos para as igrejas (incluindo um fabricado por Arp Schnitger hoje na Catedral de Mariana) e de partituras de Luigi Boccherini e Joseph Haydn pouco tempo após sua publicação na Europa. No Tejuco existiriam dez regentes em atividade, o que implica um corpo de músicos profissionais de pelo menos 120 pessoas; em Ouro Preto teriam atuado cerca de 250 músicos, e mais de mil em toda a Capitania, sem contar os diletantes, que deveriam compor uma legião adicional, uma quantidade maior do que a que existia na metrópole portuguesa na mesma época.

Neste período surgiram os primeiros compositores importantes naturais do Brasil, muitos deles mulatos, escrevendo em um estilo com elementos rococós mas principalmente derivado de uma matriz clássica. Alguns dos autores mais dignos de nota nesta região foram JOSÉ JOAQUIM EMERICO LOBO DE MESQUITA, talvez o mais importante deste grupo, MANOEL DIAS DE OLIVEIRA, FRANCISCO GOMES DA ROCHA, MARCOS COELHO NETO (pai) e MARCOS COELHO NETO (filho), todos muito ativos, embora em muitos casos poucas peças de sua produção tenham chegado até nós.

Com o esgotamento das minas no fim do século o foco da atividade musical se deslocaria para outros pontos, especialmente o Rio de Janeiro e São Paulo, onde merece menção André da Silva Gomes, de origem portuguesa, Mestre de Capela da Catedral, deixando bom número de obras e dinamizando a vida musical da cidade.

**ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA**, o “**Judeu**” nascido no Brasil colônia, (Rio de Janeiro, 8 de Maio de 1705 - Lisboa, 19 de Outubro de 1739). é levado para a metrópole com a família, de origem judaica. Antônio José da Silva iniciou-se na advocacia, mas acabaria por se dedicar à escrita, tendo-se tornado o mais famoso dramaturgo português do seu tempo.

Interessado pela dramaturgia, escreveu uma sátira (*Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança*), o que serviu de pretexto às autoridades para prendê-lo, acusado de práticas judaizantes. Foi torturado, tendo ficado parcialmente inválido durante algumas semanas, o que o impediu de assinar a sua "reconciliação" com a Igreja Católica, acabando por fazê-lo em auto-de-fé.

Foi um escritor profícuo, tendo escrito sátiras, criticando a sociedade portuguesa da época. As suas comédias ficaram conhecidas como a *obra do "Judeu"* e foram encenadas freqüentemente em Portugal nos anos da década de 1730. Influenciado pelas idéias igualitárias do Iluminismo francês, o dramaturgo ligou-se a um grupo de “estrangeirados”,



formado por eminentes figuras como o brasileiro ALEXANDRE DE GUSMÃO (1695-1753), o principal conselheiro do rei D. JOÃO V. Sua obra teatral inspirava-se no espírito e na linguagem do povo, rompendo com os modelos clássicos e incorporando o canto e a música como elemento do espetáculo.

Em 1737, Antônio foi preso pela Inquisição, juntamente com a mãe e a esposa (Leonor de Carvalho, com quem casara em 1728, que era sua prima e também judia). Antônio José da Silva foi novamente torturado. O processo decorreu com notória má-fé por parte do tribunal e Antônio José da Silva foi condenado.

Como era regra com os prisioneiros que, condenados, afirmavam desejar morrer na fé católica, Antônio José da Silva foi garrotado antes de ser queimado num Auto-de-Fé em Lisboa em Outubro de 1739. Sua mulher, que assistiu à sua morte, morreria pouco depois. A história deste autor inspirou BERNARDO SANTARENO, ele próprio de origem judaica, a escrever a peça *O Judeu*. Mais recentemente, a vida de Antônio José da Silva foi encenada por TOM JOB AZULAY no filme *O Judeu*, de 1995.

**LOBO DE MESQUITA** nasceu na Vila do Príncipe (atual Serro) por volta de 1746. Ali teve sua formação musical e iniciou suas atividades profissionais, como organista e como compositor. Por volta de 1776, transferiu-se para o Arraial do Tejuco (atual Diamantina), que era o centro urbano de maior importância na região, enquanto centro de controle da mineração. Sua atuação certamente incluía todas as obrigações de um Mestre de Capela: compor as obras para as festas contratadas, arregimentar cantores e instrumentistas para a execução da obra, ensaiar, reger (provavelmente do console do órgão, que era seu instrumento) e provavelmente ensinar (preparando jovens para o exercício da profissão de músico). Transferiu-se para a Vila Rica (hoje Ouro Preto) em 1798; dois anos depois, e transferiu-se para o Rio de Janeiro, tocando na Igreja da Ordem Terceira do Carmo entre 1801 e 1805, quando faleceu.

Um de seus réquiens foi apresentado na vila de Caeté, MG, em 25 de janeiro de 1827, em memória da Imperatriz Leopoldina, o que mostra que o compositor era ainda reconhecido e lembrado mais de vinte anos depois do seu falecimento.

Existem apenas três manuscritos autógrafos do compositor, a *Antífona de Nossa Senhora* (1787) — que se encontra no Museu da Inconfidência— a *Dominica in Palmis* (1782) e o *Tercio* que se encontra no Museu da Música de Mariana (1783), mas há muitas cópias do restante de sua obra, em cópias de fins do século XVIII e, em sua maioria, do século XIX.

## S. XVIII – música popular

### • Modinha

Entre os séculos XVIII e XIX a modinha assumiu um lugar de destaque. De origem possivelmente portuguesa, provavelmente surgida das elites governantes no Brasil Colônia a partir de elementos da ópera italiana, foi citada pela primeira vez na literatura em 1779, embora seja ainda mais antiga. DOMINGOS CALDAS BARBOSA foi um de seus primeiros grandes expoentes, publicando uma série que foi extremamente popular na época.

A modinha é em linhas gerais uma canção suave, romântica e chorosa, de feição bastante simplificada, muitas vezes de estrutura estrófica e acompanhamento reduzido a uma simples viola ou guitarra, sendo de apelo direto às pessoas comuns. Mesmo assim era uma presença constante nos saraus dos aristocratas, e podia ser mais elaborada e acompanhada por flautas e outros instrumentos, e ter textos de poetas importantes como TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA, cujo *Marília de Dirceu* foi musicado uma infinidade de vezes. A modinha era tão apreciada que também músicos da corte criaram algumas peças no gênero, como MARCOS PORTUGAL, autor de uma série com letras extraídas da *Marília de Dirceu*, e o PADRE JOSÉ MAURÍCIO, autor da célebre *Beijo a mão que me condena*.

**DOMINGOS CALDAS BARBOSA** (Rio de Janeiro, provavelmente em 1739 - Lisboa, 9 de novembro de 1800) foi um sacerdote, poeta e músico brasileiro, reputado como um dos criadores da Modinha.

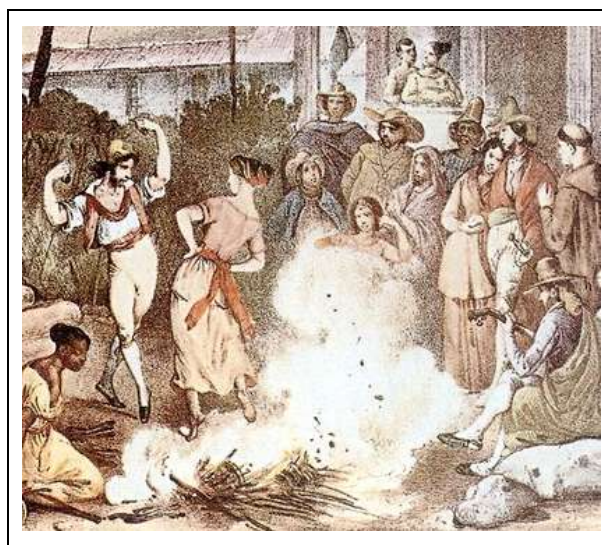
Mulato, filho de um português com uma escrava angolana, foi enviado para Portugal em 1763, para estudar em Coimbra. Posteriormente em Lisboa, celebrou-se pelas trovas improvisadas ao som da sua viola. Suas composições estão reunidas no livro *Viola de Lereno*, pseudônimo que ele adotava. Foi soldado nas lutas na Colônia de Sacramento, fez, em Lisboa, uma vida de padre mundano, animando assembléias burguesas, salões fidalgos e até serões do paço real.

Em sua poesia tratou das peculiaridades afetivas do povo brasileiro, distinguindo-as das dos portugueses. Se aproximou assim de temas românticos, ainda que de maneira não tão profunda. É o Patrono da Cadeira n. 3 da Academia Brasileira de Música .



### • Lundu

O lundu veio para o Brasil com os negros de Angola, por duas vias, passando por Portugal, ou diretamente da Angola para o Brasil. Em Portugal recebeu polimentos da corte, como o uso dos instrumentos de corda, mas fora proibida pelo rei D. MANUEL ao ser “contrária aos bons costumes”. Já a vinda direta da Angola para o Brasil recuperou o acento jocoso, mordaz e sensual que incomodara a sociedade lisbonense. Aparece no Brasil no século XVIII como uma dança sem cantoria e de "natureza licenciosa", para os padrões da época. Nos finais do século XVIII, presente tanto no Brasil como em Portugal, o lundu evoluiu como uma forma de canção urbana, acompanhada de versos, na maior parte das vezes de cunho humorístico e lascivo, tornando-se uma popular dança de salão.



Durante todo o século XIX, o lundu é uma forma musical dominante, e o primeiro ritmo africano a ser aceito pelos brancos. Seus versos satíricos, maliciosos, cantando amores condenados, muitas vezes não eram assinados pelos autores que, com medo de perseguições, preferiam o anonimato. Mas outros, como FRANCISCO MANUEL DA SILVA (ver cap. 4) que compôs *Lundu Da Marrequinha*, assumiam suas obras, certamente mais brandas e enquadradas ao gosto da classe dominante. Mas dentre todos os que cultivaram e (ou) participaram do gênero, o maior foi **XISTO BAHIA**, ator, cantor e compositor nascido em Salvador em 5 de setembro 1841 e falecido em Caxambu, MG, em 30 de outubro de 1894.

O lundu sai de evidência no início do século XX, mas deixa seu legado, principalmente no que tange ao ritmo sincopado, no maxixe. Musicólogos defendem que no lundu, como o primeiro ritmo afro-brasileiro em formato de canção e fruto de um sincretismo, está a origem do samba, via o maxixe, mas há controvérsias quanto a esse ponto.

**A dança do Lundu** - Músicos iniciam o ritmo Lundu. As pessoas que querem dançar aproximam-se, já entrando na dança. Um sinal da viola é emitido e a primeira dançadora abre espaço no centro da roda que logo se forma com o grupo. Ela dança no centro da roda batê convidar alguém para substituí-la, com uma batida de pé ou palmas diante da pessoa, uma umbigada ou um toque de ombros. A dançadora convidada vai para o centro dançar. Quando está no meio da roda, o dançador faz evoluções inteiramente relaxado, braços caídos ao longo do corpo, pernas meio fletidas, mantendo um sapateio em que a planta do pé bate inteiramente no chão, ao ritmo da música.